

**EM FAVOR DE PESSOAS POBRES, ENFERMAS
E PRISIONEIRAS**
IN FAVOR OF THE POOR, THE SICK AND PRISONERS

*Valmor da Silva**

Resumo

O artigo analisa os textos bíblicos que privilegiam categorias marginalizadas, com o propósito de reintegrá-las à vida saudável. São textos que se assemelham, com listas de pessoas com as mesmas características. Propõem-se motivações do ponto de vista econômico, social, político e religioso, visando a fraternidade e a justiça. As motivações teológicas provocam ações concretas e suscitam políticas públicas favoráveis a tais pessoas. Parte-se da opção inicial de Jesus, na sinagoga de Nazaré, em favor de pobres, presos, cegos e oprimidos (Lc 4,18-19). Prossegue-se com o texto citado pela passagem de Lucas, em que o Messias assume a mesma opção (Is 61,1-2). Igual escolha em favor de pobres e presos é declarada no jejum que Deus quer (Is 58,6-7). O próprio Deus faz justiça a oprimidos, famintos e presos (Sl 146,7-9). O Messias liberta pessoas, cura feridas, devolve a vida, num texto paralelo da comunidade de Qumran (4Q 521,8.12-13). O artigo elenca ainda, com breve apresentação, outras passagens bíblicas semelhantes.

Palavras-chave: *Justiça. Messias. Pobres.*

Abstract

The article analyzes the biblical texts that privilege marginalized categories, with the purpose of reintegrating them into a healthy life. They are texts that resemble, with lists of people with the same characteristics. Motivations from the economic, social, political and religious point of view, aiming at fraternity and justice are proposed. The theological motivations provoke concrete actions and raise public policies favorable to such peo-

* Mestrado em Teologia pela Gregoriana e em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico. Doutorado em Ciências da Religião pela UMESp. Pós-Doutorado em Teologia pela FAJE. Professor Titular de Teologia e Ciências da Religião da PUC Goiás. Assessor de cursos bíblicos populares.

ple. It begins with the initial option of Jesus in the synagogue of Nazareth for the poor, the prisoners, the blind and the oppressed (Luke 4:18-19). The text quoted by the passage of Luke continues, in which the Messiah assumes the same option (Is 61:1-2). Equal choice for the poor and prisoners is declared in the fact that God wants (Is 58:6-7). God Himself does justice to the oppressed, the hungry and the prisoners (Ps 146:7-9). The Messiah frees people, heals wounds, returns life, in a parallel text of the community of Qumran (4Q 521:8-12-13). The article also summarizes, with brief presentation, other similar biblical passages.

Keywords: *Justice. Messiah. Poor.*

Opção de Jesus por pessoas pobres, presas, cegas e oprimidas

De acordo com o Evangelho de Lucas, Jesus faz uma opção clara, logo no início de sua vida pública, quando assume, como programa de vida, anunciar a boa-nova aos pobres. Trata-se do primeiro ensinamento público de Jesus, neste Evangelho. Esse ensinamento é precedido por duas ações importantes do mestre: batismo e tentação. No batismo, o céu se abre e o Espírito Santo revela a identidade de Jesus como filho de Deus (Lc 3,21-22). No deserto, o Espírito Santo o conduz (Lc 4,1-13) e, nessa mesma força, o Espírito o faz voltar para a Galileia, onde sua fama se espalha. O Espírito que conduz Jesus, ao longo de toda a obra de Lucas, leva-o para o meio dos excluídos, unge-o como messias de pobres, presos, cegos e oprimidos. Aqui “Lucas captou e plasmou um momento culminante na história da humanidade” (*Bíblia do Peregrino*, 2002, nota a Lc 4,16-30).

O texto que relata esta opção de Jesus (Lc 4,18-19) é de tradição exclusiva de Lucas. Nessa exclusividade, portanto, sem paralelo nos sinóticos, o texto é único no Novo Testamento e constitui uma chave de leitura para toda a obra lucana. É possível, contudo, que Lucas se baseie em alguma tradição de Nazaré ou de Cafarnaum, sobre o início da pregação de Jesus (MANSILLA, 1999, p. 152). A opção por pessoas pobres, listadas em diversas categorias, entretanto, é comum ao Novo Testamento, bem como ao Antigo, como quer demonstrar este estudo.

No contexto da cena, Jesus está de volta a Nazaré, sua terra natal, junto aos seus. Nesta aldeia, anota o Evangelista Lucas, “Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52). Nazaré da Galileia é lugar de pessoas marginalizadas, perdidas e exploradas nos confins do Império Romano. Com fama de pregador milagreiro pelas redondezas (Lc 4,14), voltava para seu povoado o conhecido filho do José (Lc 4,22).

Fiel à palavra, como bom judeu, Jesus vai à sinagoga local aos sábados. Fazia isso habitualmente. Nazaré era um vilarejo onde todas as pessoas se conheciam. A sinagoga era o local onde a população se encontrava, aos sábados, para ouvir a leitura e a pregação da palavra, acompanhadas de cânticos e orações.

Nessa ocasião, qualquer judeu, adulto, podia ser autorizado a fazer a leitura pública do texto sagrado. Segue-se o ritual. Um funcionário traz o rolo e lhe entrega a passagem do dia, de Is 61,1-2. A leitura era feita de pé e o comentário sentado. A versão grega, transcrita por Lucas, traz diferenças significativas com relação ao texto do profeta, como em seguida veremos. Mas, a grande novidade é que Jesus aplica o texto à sua própria pessoa.

¹⁸O Espírito do Senhor está sobre mim,
 porque ele me consagrou pela unção
 para evangelizar os *pobres*;
 enviou-me para proclamar a libertação aos *presos*
 e aos *cegos* a recuperação da vista,
 para restituir a liberdade aos *oprimidos*

¹⁹e para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19)¹.

“O Espírito do Senhor está sobre mim” refere-se à consagração de um profeta (1Rs 19,16), com dimensão messiânica (Sl 2,7). Jesus fora assim ungido no batismo. E “Ele me consagrou pela unção” refere-se à ação de ungir com óleo para a missão. Ungido traduz messias do hebraico e Cristo do grego. Estão apresentadas as credenciais que habilitam Jesus como Messias, profeta, investido do Espírito Santo para uma missão especial.

“Para evangelizar os *pobres*” é um anúncio programático em toda a Bíblia e, particularmente, no Evangelho de Lucas. O Evangelho é uma notícia feliz para as pessoas pobres. Temos aqui a primeira de dez ocorrências da palavra pobre (*ptochos*) em Lucas, contra cinco em Mateus. Em Lucas, Jesus declara “Felizes vós, os pobres” (Lc 6,20); e recomenda “Quando deres uma festa, chama pobres, estropiados, coxos, cegos” (14,13.21); traz os exemplos de Zaqueu (19,8) e da viúva indigente (21,2-4). A opção preferencial pelos pobres é uma constante em Lucas, considerando que pobreza e marginalização faziam parte do dia a dia das comunidades típicas da Galileia (MANSILLA, 1999, p. 155). A boa notícia tem matiz econômico, dirige-se aos pobres da Galileia. “Pobre, para Lucas, é o pobre urbano, o mendigo, gente que não tem segurança, nem espaço nas instituições. Como em Is 58,6, são pessoas economicamente arruinadas” (WENZEL, 1998, p. 24).

“Para proclamar a libertação aos *presos*” implica tirar os prisioneiros das cadeias e em perdoar os seus pecados. É o que significa, originalmente, a palavra libertação (*áphesin*) utilizada aqui. Tem uma dimensão política, mas também espiritual. Presos (*aichmalótois*) é um hápax no Novo Testamento, quer dizer, é usado esta única vez. O termo provém da citação de Is 61,1, na versão grega chamada Septuaginta ou LXX. Conforme a etimologia da palavra, provém de

1. Segue-se, normalmente, a tradução da *Bíblia de Jerusalém* (2002).

prisioneiro de guerra e se refere a pessoa que vive qualquer tipo de cativo. A memória da prisão de João Batista está bem presente ao evangelista (Lc 3,20), assim como as prisões de Pedro, Paulo e dos demais discípulos, narradas nos Atos dos Apóstolos. Lucas alerta para o perigo dos juizes que lançam na prisão até pagar o último centavo (Lc 12,58-59). Alerta, sobretudo, aos discípulos que serão entregues às prisões (Lc 21,12).

“Aos *cegos* a recuperação da vista” refere-se claramente à cura física da doença da cegueira, mas tem sentido amplo de dar espírito crítico às pessoas e de iluminar totalmente a sua vida. Cego (*typhlos*) refere-se a inúmeras enfermidades de olhos, comuns na época e na região da Galileia. Jesus assumirá a tarefa de abrir os olhos, através de diversas curas, especificamente, em Lucas, onde Jesus “restituiu a vista a muitos cegos” (Lc 7,21.22); manda chamar cegos para o banquete (Lc 14,13.21); cura o cego que mendigava à beira do caminho em Jericó (Lc 18,35 com paralelos em Mt e Mc). Cita o provérbio “Pode acaso um cego guiar outro cego” (Lc 6,39)?

“Para restituir a liberdade aos *oprimidos*” soa, literalmente, como enviar os oprimidos em liberdade e perdão. Liberdade ou libertação é a mesma palavra usada na declaração anterior com relação aos presos. Aqui, a palavra “oprimidos” (*tethrausménous*) é também um hápax no Novo Testamento. Particípio passivo de *thrauo*, oprimir, tem o sentido original de quebrar e debilitar.

“Para proclamar um ano de graça do Senhor” significa declarar o ano do jubileu, ou ano da graça, ou ano do acolhimento, como um ano de perdão de todas as dívidas, conforme previsto pela lei, para ser celebrado a cada cinquenta anos, isto é, após sete vezes sete anos, como um sábado dos sábados (Lv 25,10-13). Mas aqui Lucas introduziu uma alteração no texto de Isaías, porque omitiu a segunda parte da missão do Messias, que era “Proclamar um ano aceitável ao Senhor e um dia de vingança do nosso Deus”. Jesus omite, segundo Lucas, o dia da vingança ou da desforra.

Ora, o povo conhecia de cor o teor do texto lido (Is 61,2), pois falava da tarefa libertadora do Messias, dirigida aos pobres, aplicada para a vingança contra o Império Romano. Na expectativa do posicionamento de Jesus, ficam surpresos porque Ele modifica o final do texto. Parafraseou o texto, como era permitido, mas, para maior surpresa, o aplicou a si mesmo.

Talvez a partir daí se compreenda a reação dos ouvintes, primeiro de admiração “pelas palavras de graça que saíam de sua boca” (Lc 4,22), depois de rejeição, seguida da tentativa de precipitá-lo morro abaixo (4,28-29).

Passamos em seguida ao texto original de Is 61,1-2, citado por Lucas, que possui também quatro categorias de pessoas marginalizadas, “pobres, quebrantados de coração, cativos e presos”. Os termos não coincidem exatamente, pois Isaías não tem *cegos* nem *oprimidos*, mas inclui *quebrantados de coração*, e duplica *cativos* e *presos*.

Opção do Messias por pessoas pobres, quebrantadas, cativas e presas

No contexto literário do terceiro Isaías (Is 56–66), encontram-se três oráculos de salvação (Is 60–62), em torno ao esplendor de Jerusalém. Esses três capítulos constituem um ápice da mensagem do terceiro Isaías. No centro dos três, Is 61 se destaca, tematicamente, do capítulo anterior bem como do seguinte.

O conjunto de textos que constituem o chamado trito-Isaías provém, possivelmente, de autores e de momentos históricos diferentes. Mas foram assumidos, em sua redação final, por um profeta, incluído na tradição que leva o nome de Isaías. O seu contexto histórico e, especialmente, de Is 61, seria o pós-exílio, provavelmente a época persa. O contexto social, portanto, é o da diáspora, quando o povo de Israel, disperso entre as nações vizinhas, resiste e luta por reconstruir a sua unidade. O sofrimento tem duplo polo de opressão, as elites internas e as nações estrangeiras (SANTOS, 2015, p. 492-493).

No núcleo central de Is 61 e, portanto, de todo o trito-Isaías, destaca-se especialmente Is 61,1-3, por apelar para o contexto concreto e por evocar a total libertação daquela situação. A linguagem utilizada, proclamar a libertação, era típica de editos de reis, quando, em ocasiões especiais, autorizavam a soltura de presos de suas cadeias (CROATTO, 2002, p. 202-203).

Em tom autobiográfico, fala o unguído, em primeira pessoa. Assume a fala, certamente, o próprio profeta, identificado com Isaías na redação final do texto. As ações realizadas por este “eu” remetem ao sujeito Yhwh, que está sobre ele, unge, envia e comanda as sete ações que seguem (Is 61,1-3), com sete verbos, seguidos de sete objetos diretos, referidos, justamente, às sete categorias de pessoas que sofrem (CROATTO, 2002, p. 209).

Em razão da temática enfocada neste estudo, analisamos os dois primeiros versículos (Is 61,1-2), com as quatro categorias que coincidem com as citadas por Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-19).

¹O espírito do Senhor Yhwh² está sobre mim,
 porque Yhwh me ungiu;
 enviou-me a anunciar a boa-nova aos *pobres*,
 a curar os *quebrantados* de coração
 e proclamar a liberdade aos *cativos*,
 a libertação aos que estão *presas*,
²a proclamar um ano aceitável a Yhwh
 e um dia de vingança do nosso Deus,
 a fim de consolar todos os enlutados (Is 61,1-2).

2. Yhwh é a grafia que a *Bíblia de Jerusalém* (2002) usa para o nome de Deus mais comum na Bíblia Hebraica. No comentário, mantemos a grafia do tetragrama original, Yhwh, traduzido como Javé, Jeová, Adonai ou Senhor, de acordo com as diversas Bíblias.

“Yhwh me ungiu; enviou-me” sintetiza o chamado e a missão do profeta. A unção confere o espírito divino que habilita para realizar a tarefa designada. Profetas eram ungidos com óleo, assim como reis e sacerdotes. Ungir e enviar, nesse caso, são os dois verbos que regem as ações que seguem e sintetizam a narrativa da vocação para a missão.

O nome divino Yhwh está repetido e retorna terceira vez no “ano aceitável a Yhwh” (v. 3). Há um adensamento da presença divina nos versículos, com insistência no “espírito do Senhor Yhwh”, e com a presença “do nosso Deus”.

“A anunciar a boa-nova aos *pobres*” significa proclamar a notícia feliz às pessoas que sofrem humilhação. Os pobres (*anawim*) constituem uma categoria de pessoas que, além de desprovidas economicamente, são humilhadas e desprezadas, por isso mesmo, depositam em Deus sua confiança.

“A curar os *quebrantados* de coração” objetiva devolver a saúde ou, em termos atuais, medicar as pessoas para que sejam reintegradas em sua dignidade. A cura dos quebrantados de coração (*nisheberê-leb*) refere-se à restauração da capacidade de decisões, visto que o coração, na antropologia bíblica, não é a sede dos sentimentos, mas sim da razão.

“A proclamar a liberdade aos *cativos*” define especificamente a missão libertadora. Cativos (*shebuim*) se refere a cativos, prisioneiros ou deportados. Aplica-se muito bem à realidade vivida pelo povo naquele momento, parte vivendo na diáspora, parte ainda aprisionado na realidade histórica após o exílio.

“A libertação aos que estão *presos*” repete a mesma afirmação anterior, com palavras diferentes. Estão em paralelismo. Variam os sinônimos de libertação, na proclamação anterior “libertação, liberdade” (*d'rôr*) e nesta “libertação, abertura do cárcere” (*p^eqah qoah*). Presos (*asurim*) tem a ver com vínculos de ataduras e grilhões.

“A proclamar um ano aceitável a Yhwh e um dia de vingança do nosso Deus” interpreta-se, normalmente, como a promulgação de um ano jubilar da parte do Senhor. “É um ano jubilar ao estilo de Lv 25,10 e semelhante a Jr 34, mas referido à situação dos judeus com relação a outros povos” (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 382)³.

A afirmação vai em duas direções, a primeira é positiva, com o ano aceitável ou favorável, e a segunda é negativa, com o dia da vingança ou da desforra. Cabe frisar, repetidamente, que Jesus evitou a referência à vingança, no contexto lucano da sinagoga de Nazaré, embora o tema da desforra ou retribuição negativa seja frequente na Bíblia (Is 59,18; 63,4).

3. Contrário a essa interpretação, Croatto (2002, p. 204) afirma que se trata apenas de “um tempo com características especiais. Os termos ‘ano’ e ‘dia’ não querem remeter a instituições como o jubileu ou o ano sabático (ainda que este último poderia ser lido eisegeticamente), mas destacar a ideia de um tempo forte e pleno, o que costumamos chamar de *kairós*”. Numa ou noutra interpretação, o sentido fundamental é o mesmo, de total libertação.

O jejum que Deus quer é libertar pessoas oprimidas e acolher pobres

Outro texto do terceiro Isaías (Is 58,1-14) tem afinidades com o anterior (Is 61,1-2) que acabamos de analisar. Ambos são, basicamente, da mesma época histórica do pós-exílio e refletem idêntica situação de injustiça, além de apontarem para o mesmo processo de libertação total.

Este capítulo 58 de Isaías articula, de maneira integrada, a fé em Deus e a prática da justiça e da misericórdia. Demonstra como o Deus transcendente, em sua santidade, exige a solidariedade com as pessoas mais marginalizadas, no âmbito da convivência diária. O profeta é porta-voz do próprio Yhwh, que faz o apelo veemente à coerência entre fé e vida. Rejeita taxativamente o jejum sem a prática da justiça e escolhe o verdadeiro jejum que consiste em libertar os oprimidos e em alimentar os famintos. O texto pode ser articulado em três partes principais: o jejum que Deus não quer (v. 1-5); o jejum que Deus quer (v. 6-12); a “delícia” do sábado (v. 13-14). (CROATTO, 2002, p. 84-85).

O critério para aceitação ou não do jejum é a prática da justiça e da misericórdia, com atenção às categorias específicas de pessoas oprimidas. Esse critério define se Deus ouve ou não ouve as práticas de devoção. Define, portanto, se o jejum vale ou não vale. “A palavra ‘jejum/jejuar’ menciona-se sete vezes e é a palavra-chave” (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 367).

A primeira parte do capítulo (v. 1-5) explica o jejum que Deus não quer. Começa pela acusação da transgressão e do pecado (v. 1) que se traduz em não praticar o direito e em abandonar a justiça (v. 2). Em seguida, os fiéis questionam a Deus (v. 3a), ao invés de se dar conta da própria incoerência, e o Senhor explica que não tem valor o jejum com a prática da exploração (v. 3b), e com as contendas e rixas (v. 4). Deus ironiza essa incoerência, entre inclinar-se como um jumento e não ter sensibilidade para com as pessoas oprimidas (v. 5).

Em tom enfático, Yhwh questiona:

⁶Por acaso não consiste nisto o jejum que escolhi:
em romper os grilhões da *iniquidade*,
em soltar as ataduras do *jugo*
e pôr em liberdade os *oprimidos*?
e despedaçar todo *jugo*?

⁷Não consiste em repartir o teu pão com o *faminto*,
em recolheres em tua casa os *pobres desabrigados*,
em vestires aquele que vês *nu*,
e em não te esconderes daquele que é tua carne (Is 58,6-7)?

As primeiras quatro exigências (v. 6) propõem um conjunto de ações semelhantes, que se referem todas a situações de repressão a serem rompidas. As quatro afirmações estão em paralelo, acumulando termos sinônimos, todos afirmando basicamente a mesma necessidade de quebrar as cadeias que mantêm as

peças aprisionadas. A palavra jugo (*motah*) é repetida. Possuem o mesmo sentido as expressões “romper os grilhões”, “soltar as ataduras”, “pôr em liberdade” e “despedaçar o jugo”.

Toda essa descrição traz à memória a libertação da escravidão do Egito, frequente no livro de Isaías e constante na lembrança do povo bíblico, especialmente no momento vivido, logo após a libertação do exílio babilônico (CROATTO, 2002, p. 98).

Dada a concretude das imagens, Croatto (2002, p. 98) afirma que: “É bem provável que o texto esteja aludindo a situações de endividamento que desembocaram em julgamentos e em formas de escravização, quando não de prisão”. E levanta a hipótese segundo a qual o texto de Ne 5,1-19 poderia estar por trás deste nosso texto de Is 58,6.

Ridderbos (1995, p. 474) é da mesma opinião. O texto estaria se referindo aos escravos-da-dívida que deveriam ser libertados por ocasião do ano sabático (Ex 21,1; Dt 15,12). O apelo a essa prática era particularmente significativo naquela situação de pós-exílio, em que muitos ricos se esqueciam dessa obrigação. A escravidão por dívida acontecia quando os credores não podiam pagar o que deviam e, não raro, empenhavam os próprios filhos, a esposa e até a si mesmos (Lv 25,39.47; Dt 15,12). A tais práticas poderia aludir a declaração dos “oprimidos” (*retsutsim*) que devem ser “livres”.

As recomendações seguintes (v. 7) confirmam essa prática de justiça, aplicando a misericórdia para com outras três categorias de oprimidos: famintos (*ra'eb*), pobres desabrigados (*'aniyim m'rudim*) e nus (*'arom*), isto é, carentes de pão, de moradia e de vestimenta.

A recomendação final “em não te esconderes daquele que é tua carne” sintetiza as sete exigências anteriores e recomenda a solidariedade para com os mais débeis, que possuem, finalmente, o mesmo sangue, que irmana a todos os seres humanos.

Deus faz justiça aos oprimidos, famintos, presos...

O Sl 146 propõe um projeto de esperança, baseado na justiça e na verdade. Adverte contra a confiança nos príncipes, cujos planos são fadados ao fracasso (v. 3-4) e propõe apoiar-se no projeto de Yhwh, que contém sementes de esperança e se realiza sobre os fundamentos da verdade e da justiça, com ações concretas em favor de oprimidos, famintos, prisioneiros, cegos, curvados, estrangeiros, órfãos e viúvas. O Salmo é classificado como um hino de louvor, porque exalta a grandeza do Deus criador que atua na história e faz justiça ao socorrer os oprimidos⁴.

4. Na base deste comentário sobre o Sl 146 está um estudo publicado anteriormente (SILVA, 1988, p. 18-22).

Não há elementos no Salmo que apontem para uma localização histórica ou geográfica precisa. Os termos “oprimidos” e “prisioneiros”, com as demais categorias, com frequência são associados à realidade do exílio babilônico (Jr 50,33; Is 49,9; 61,1). O Salmo caberia bem, portanto, naquele exílio, mas se situa, facilmente, em qualquer situação de desterro. Possivelmente foi rezado com intensidade no pós-exílio, em sintonia com os demais textos aqui analisados. No judaísmo tardio, passou a ser usado como oração da manhã, a ser recitada diariamente.

Seguindo o tema em análise, na busca de um projeto de políticas inclusivas, nossa atenção se volta para os v. 7-9 do Salmo 146, onde se encontra o projeto de Yhwh. Nesses versículos são elencadas sete ações de Deus, sempre positivas, em favor de categorias diversas, todas de pessoas marginalizadas. Resgata situações socioeconômicas, como oprimidos, famintos, prisioneiros e estrangeiros; deficiências físicas, como cegos e encurvados; lacunas sociofamiliares, como viúvas e órfãos.

A atenção a pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros era dever dos governantes, em Israel, representados pela figura do rei (Sl 72,2-4 e muitos outros textos). Mas o salmista já advertira que os planos dos príncipes não funcionam (Sl 146,3-4). Por isso, o próprio Deus assume a função de rei, e estabelece a verdadeira justiça, com base na verdade.

E o plano de Deus é aberto com uma bem-aventurança de felicidade para quem se apoia no Deus de Jacó, quer dizer, o Deus da história e o Deus pessoal, sempre fiel à sua aliança (v. 5). Esse Deus é o criador do céu, da terra e do mar, portanto, da totalidade do universo, representada nessas três camadas (v. 6a-b). Esse Deus é plenamente confiável, porque: “Ele mantém para sempre a verdade” (v. 6c):

⁷fazendo justiça aos *oprimidos*,
dando pão aos *famintos*,
Yhwh liberta os *prisioneiros*,
⁸Yhwh abre os olhos dos *cegos*,
Yhwh endireita os *curvados*,
⁹Yhwh protege o *estrangeiro*,
sustenta o órfão e a *viúva* (Sl 146,7-9).

“Fazendo justiça aos *oprimidos*” significa recuperar o direito de quem foi injustiçado. O Deus que “faz” o céu, a terra e o mar (v. 6a) é o mesmo que “faz” justiça aos oprimidos. Fazer justiça não é tratar de maneira igual opressores e oprimidos, mas sim proteger o lado mais fraco, em vista da equidade. A palavra traduzida como “oprimidos” (*ashuqim*) significa, literalmente, opressão, violência, assim sendo, a frase designa que Deus faz justiça contra a opressão.

“Dando pão aos *famintos*” representa a primeira iniciativa para concretizar o projeto de justiça. A fome é a principal expressão da carência, por isso, o pão, símbolo do alimento, é a base para qualquer proposta de inclusão.

“Yhwh liberta os *prisioneiros*” tem sentido literal evidente, mas pode referir-se a diversas aberturas de prisões. “Prisioneiros” aqui é a mesma palavra “presos” (*’asurim*) de Is 61,1, que tem a ver com vínculos de ataduras e grilhões.

“Yhwh abre os olhos dos *cegos*” possui sentido literal, mas também metafórico. Cegos (*’ivrim*) se refere a quem não enxerga, mas também a quem não quer ver, pela falta de senso crítico.

“Yhwh endireita os *curvados*” também pode se referir, literalmente, a pessoas com deficiência física, bem como a pobres, fracos e indigentes, isto é, pessoas rebaixadas pela sociedade. Curvados (*kepupim*) provém da raiz que significa, realmente, curvar, inclinar, dobrar, vergar, e pode referir-se a andar encurvado.

“Yhwh protege o *estrangeiro*” significa dar especial atenção a quem vive em terra estranha ou se sente marginalizado na própria pátria. Israel passou por diversas experiências de viver fora da própria terra e, no momento concreto, acaba de amargar o exílio na Babilônia. Estrangeiros (*gerim*) refere-se ao migrante, peregrino, forasteiro, ou seja, a hóspede temporário, sem cidadania e sem morada fixa. O termo “protege”, literalmente guarda (*shomer*), é o mesmo utilizado no início (6c), portanto, o Deus que “guarda” para sempre a verdade é igualmente aquele que “guarda” os estrangeiros.

“Sustenta o *órfão* e a *viúva*” quer dizer que restabelece o direito das duas categorias mais desprotegidas em Israel, que eram os órfãos, sem pais, e as viúvas, sem maridos. Órfão e viúva (*yatôm* e *’alemanah*) com frequência estão juntos, formando praticamente uma só classe, na Bíblia.

Os versículos que seguem fazem uma síntese do que foi apresentado: “Yhwh ama os justos, mas transtorna o caminho dos ímpios” (v. 8c.9c), e a declaração final retoma o louvor inicial, com a proclamação do reinado eterno do Senhor: “Yhwh reina para sempre, teu Deus, ó Sião, de geração em geração” (v. 10).

O Messias liberta pessoas presas, cura feridas e devolve a vida

Nos manuscritos de Qumran, encontrados à margem do Mar Morto, em 1947 e recentemente publicados, há um texto que parafraseia Is 61,1-2 e combina com o Sl 146,7b-8a. Trata-se de uma releitura, aplicada àquela comunidade, conservando o sentido original do texto, mas adaptando-o à própria realidade (CROATTO, 2002, p. 210).

Trata-se de um dos textos que mencionam o Messias, com uma lista de ações em favor de categorias oprimidas, interpretadas como alusão a uma expectativa messiânica. O Messias é o ungido (messias dele) isto é, do Senhor (*’adonai*). No texto, portanto, o próprio Deus unge os pobres com sua força, mediante uma sequência de ações integradoras para restaurar liberdade, visão, cura, vida...

O fragmento é posterior, data do período Hasmoneu, portanto, já próximo à era cristã, e foi intitulado “Um apocalipse messiânico” pelo seu editor oficial,

Émile Puech. Isso significa, na interpretação desse autor, que o gênero é exortativo, com base nos benefícios ou castigos escatológicos que Deus realizará no futuro, ou seja, nos dias de seu messias (KJAER, 2017, p. 1).

Segundo a mesma autora, além do tema principal das ações messiânicas, três aspectos são relevantes nesse texto e constituem o seu objeto de análise: a menção ao Messias, relativamente rara nos textos de Qumran; as menções à ressurreição, notoriamente escassas nos mesmos textos; e o paralelo com uma das passagens sobre a ressurreição no Novo Testamento.

As ações messiânicas do fragmento são introduzidas pela ação do Messias, com a seguinte afirmação: “Sobre os pobres pousará o seu⁵ espírito, e aos fiéis os renovará com sua força” (v. 6).

⁸libertando os *prisioneiros*,
dando a vista aos *cegos*,
endireitando os *torcidos*.

[...]

¹²Pois curará os *feridos*,
e os *mortos* os fará viver,
anunciará boas notícias aos *humildes*,

¹³cumulará os *indigentes*,
conduzirá os *expulsos*,

e aos *famintos* enriquecerá (4Q 521,8.12-13 em GARCÍA MARTÍNEZ, 1995, p. 440).

“Libertando os *prisioneiros*, dando a vista aos *cegos*, endireitando os *torcidos*”, o texto que designa as três primeiras ações messiânicas, depende, literalmente, do SI 146,7c-8a.b, com vocabulário idêntico, analisado no item anterior.

“Pois curará os *feridos*” indica uma ação terapêutica bem clara. Ação semelhante encontra-se em Is 61,1d, mas com vocabulário diferenciado. Aqui se trata de pessoas gravemente feridas (CROATTO, 2002, p. 210).

“E os *mortos* os fará viver” alude à ressurreição, ideia bem rara em Qumran. A ressurreição dos mortos, por sinal, é original também com relação aos demais textos até aqui analisados. Não consta em Is 61 nem no SI 146, dos quais este mesmo é dependente.

“Anunciará boas notícias aos *humildes*, cumulará os *indigentes*, conduzirá os *expulsos*, e aos *famintos* enriquecerá” são as ações sucessivas, em paralelismo, e dependem, literalmente, de outros textos de Isaías (29,18-19; 35,5-6), especialmente do já analisado Is 61,1-2.

5. Uma longa discussão busca identificar a quem se refere este “seu” espírito, visto que o início do texto cita o “seu messias” e a sequência se refere ao “Senhor” (*’adonai*). Para discussão sobre a identificação deste messias, pode-se consultar a referida pesquisa de Kjaer (2017), cujas conclusões vão em três direções: o Messias seria um profeta, como Elias, ou uma figura sacerdotal ou um rei ungido.

Na sequência, outros textos bíblicos são apresentados, sem detalhar a análise, para ilustrar a insistência da Bíblia sobre a opção preferencial pelas categorias de pessoas marginalizadas, a serem incluídas no projeto de Deus.

A justiça e a pobreza como proteção divina em Sofonias

Sofonias dá um recado claro sobre as condições para se salvar, e diz que depende da busca pela justiça e pela pobreza. Essa profecia se situa na época da reforma de Josias (Sf 1,1), por volta de 622 a.C. O anúncio gira em torno à temática do “dia do Senhor”. Enquanto se projetava esse “dia” como um evento libertador, o profeta adverte que ele será um dia de justiça, com catástrofe sobre povos opressores e com possibilidade de salvação para um “resto”, os pobres da terra.

Procurai a Yhwh vós todos,
os *pobres* da terra, que realizais a sua ordem.
Procurai a *justiça*,
procurai a *pobreza*:
talvez sejais protegidos no dia da ira de Yhwh (Sf 2,3).

Jó demonstra sua inocência pela solidariedade para com pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros

Jó alega, em sua defesa, a prática da justiça em favor de pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros, as tradicionais categorias de pessoas carentes de solidariedade ao longo da Bíblia. O texto de Jó 31 expressa um “juramento imprecatório contra si mesmo” (*Bíblia de Jerusalém*, 2002, nota *b* em Jó 31,1). Nesse juramento, o acusado declara sua inocência e elenca os argumentos de sua defesa, invocando sobre si mesmo diversas punições na hipótese “se” cometeu alguma injustiça, nomeadamente:

¹⁶Se fui insensível às necessidades dos *fracos*,
se deixei tristes os olhos da *viúva*,
¹⁷enquanto comi meu bocado sozinho,
sem reparti-lo com o *órfão*.
[...]
¹⁹Se vi um *miserável* sem roupas,
um *pobre* sem cobertor.
[...]
²¹Se levantei a mão contra o *órfão*,
sabendo-me importante na Porta.
[...]
³² – Na verdade, o *estrangeiro* nunca pernitoitou à intempérie, –
abri sempre minha porta ao *viandante* (Jó 31,16.17.19.21.32).

O servo do Senhor está a serviço da justiça para iluminar cegos e presos

No primeiro canto do servo do Senhor, também conhecido como servo sofredor (Is 42,1-7), no contexto do exílio babilônico, o próprio Deus apresenta o seu servo, com a missão libertadora em favor de cegos e prisioneiros. Pela metáfora da luz da justiça, é estabelecido o contraste com as trevas, para expressar o chamado do Senhor para a prática da justiça, que consiste em ser “luz das nações” a fim de iluminar a realidade das pessoas que caminham na escuridão.

⁶Eu, Yhwh, te chamei para o serviço da justiça,
tomei-te pela mão e te modelei,
eu te constituí como aliança do povo,
como luz das nações,
⁷a fim de abrires os olhos dos cegos,
a fim de soltares do cárcere os presos,
e da prisão os *que habitam nas trevas* (Is 42,6-7).

O Messias é anunciado para julgar os fracos com justiça

Isaías apresenta a figura ideal do Messias vindouro (Is 11,1-9), um descendente de Davi, ungido como profeta, cheio de dons para estabelecer a justiça em favor dos fracos. O resultado dessa ação de justiça é um mundo de paz em que “o lobo morará com o cordeiro” (Is 11,6). Eis o perfil ideal desse messias, exemplar modelo do justo julgamento:

³No temor de Yhwh estará a sua inspiração.
Ele não julgará segundo a aparência.
Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer.
⁴Antes, julgará os *fracos* com justiça,
com equidade pronunciará sentença em favor dos *pobres da terra* (Is 11,4).

Jesus realiza as promessas messiânicas

Quando João Batista, na prisão, ouve falar das obras de Jesus Cristo, envia discípulos para perguntarem se é Ele o messias ou se deveriam esperar outro. Jesus responde com a lista de ações que coincide com as realizações messiânicas, em conformidade com os textos já apresentados:

⁴Jesus respondeu-lhes: Ide contar a João o que ouvís e vedes:
⁵os *cegos* recuperam a vista,
os *coxos* andam,
os *leprosos* são purificados
e os *surdos* ouvem,
os *mortos* ressuscitam
e os *pobres* são evangelizados (Mt 11,4-5).

A mesma lista, na mesma ordem, ocorre no texto paralelo de Lc 7,22.

Jesus dá a mesma missão aos discípulos

No chamado discurso da missão (Mt 10), de tradição mateana, onde Jesus orienta seus discípulos com relação à realidade missionária para a qual são chamados, há especial referência às condições para implantação do Reino, em favor da vida e da saúde. São as recomendações de Jesus aos discípulos, incluindo a expulsão dos demônios, isto é, a luta contra todas as formas de males:

⁷Proclamai que o Reino dos Céus está próximo.

⁸Curai os *doentes*,

ressuscitai os *mortos*,

purificai os *leprosos*,

expulsai os demônios (Mt 10,7-8).

O critério para o juízo final consiste nas ações em favor de pessoas marginalizadas

O texto do chamado juízo final (Mt 25,31-46) retoma, de maneira emblemática, as diversas recomendações, e apresenta, com clareza, o critério de salvação, que constitui a prática da justiça em favor de famintos, sedentos, forasteiros, nus, doentes e presos. A mesma lista é repetida insistentemente por quatro vezes. Na primeira, de maneira positiva, aos que praticaram essas ações, com o “Vinde, benditos de meu Pai” (v. 35-36). A segunda vez é a resposta admirada com a pergunta “Quando foi que te vimos e...?” (v. 38-39). A terceira se refere, de maneira negativa, com o “Apartai-vos de mim, malditos” (v. 42-43). E a quarta vez, com a resposta admirada com a pergunta “Quando foi que te vimos e não...?” (v. 44). A conclusão evidencia o teor do julgamento: “Todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer” (v. 45). Eis o critério do último julgamento:

³⁵Pois tive *fome* e me destes de comer.

Tive *sede* e me destes de beber.

Era *forasteiro* e me acolhestes.

³⁶Estive *nu* e me vestistes,

doente e me visitastes,

preso e viestes ver-me (Mt 25,35-36).

Para concluir

A recomendação de ações em favor de pessoas pobres, enfermas e prisioneiras constitui um fio condutor que percorre toda a Bíblia. A opção de vida de Jesus se move na esteira dessa ampla tradição de cuidado e atenção a pessoas que sofrem, particularmente por pobreza e enfermidades. As listas se repetem, como um refrão, elencando as mesmas categorias, com pequenas variações. Como um estribilho, retornam ao tema dominante, para reacender a memória.

Essa opção preferencial é missão de profeta, de sacerdote, de rei, de messias, enfim, do próprio Deus. A motivação é teológica. Pobres, doentes e despro-

tegidos ocupam a preferência no coração de Deus. Por isso, merecem a predileção em nossos projetos, ações e políticas principais.

Os textos bíblicos inspiram ações e motivam políticas públicas para os dias atuais. Recordam categorias marginalizadas diversas. Privilegiam desprovidos da vida econômica e social, como pobres, miseráveis, famintos, sedentos e desnudos. Priorizam carentes de saúde, como coxos, cegos, surdos. Propõem recuperação familiar, especialmente para órfãos, viúvas e estrangeiros. Apela para o perdão e reintegração das diversas categorias de presos e encarcerados. Propõem, finalmente, quebrar toda forma de opressão e de injustiça, em vista de um mundo fraterno.

Referências

- ALONSO SCHÖKEL, Luís; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas*, I. São Paulo: Paulinas, 1988 (Grande Comentário Bíblico).
- Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino*. Tradução de Luís Alonso Schökel. São Paulo: Paulus, 2002.
- CROATTO, José Severino. *Isaiás – a palavra profética e sua hermenêutica*: Vol. III: 55-66: a utopia da nova criação. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Tradução Valmor da Silva. Petrópolis: Vozes, 1994.
- KJAER, Malene Hasberg. *Messianism in the Dead Sea Scrolls: The Character of Mashihu in 4 Q 521*. Yale Divinity School, 2017. Disponível em http://www.academia.edu/33232189/Messianism_in_the_Dead_Sea_Scrolls_The_Character_of_%D7%9E%D7%A9%D7%99%D7%97_in_4Q521. Consultado em 23 de dezembro de 2018.
- MANSILLA, Sandra Nancy. Um jubileu na era da pós-modernidade: sobre a necessidade de uma hermenêutica permanente. Leitura do discurso programático de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,14-30). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 33, p. 150-160, 1999.
- RIDDERBOS, J. *Isaiás: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1995 (Cultura Bíblica, 17).
- SANTOS, Douglas Oliveira dos. Tirar ou colocar um til? Ele pode: uma análise da leitura de Jesus de Isaiás 61 em Lucas 4,18-19. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 25, n. 4, p. 489-501, out./dez. 2015.
- seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/download/4389/2521
- SILVA, Valmor da. Um horizonte de esperança para o povo (Salmo 146). *Vida Pastoral*. São Paulo, ano XXIX, n. 141, p. 18-22, julho-agosto, 1988.
- WENZEL, João Inácio. *O caminho do seguimento no Evangelho de Lucas*. São Leopoldo: CEBI, 1998.